

## A DOCTRINA DA SEGURANÇA NACIONAL

WILSON MONTAGNA \*

### Histórico

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os impérios coloniais europeus desmoronaram-se, e a própria Europa parece bastante arruinada. O eixo da hegemonia econômica, que iniciara seu deslocamento em direção aos EUA após a primeira grande guerra, assentava-se agora. Este país, participara de duas guerras mundiais não para defender a integridade de seu território de um ataque direto, mas para a defesa de uma ameaça assaz longínqua, a da segurança da nação a longo prazo.

Detentora da hegemonia mundial, tornava-se agora necessário elaborar e racionalizar uma nova política perante o mundo devastado pela guerra. Esta nova política teria de levar em consideração a URSS., que também emergia como potência não só vencedora mas também, e principalmente, como rival. Aos olhos dos estrategistas americanos, a Rússia de J. Stalin era tão perigosa quanto a Alemanha de A. Hitler, e com seu messianismo marxista pretendia dominar o mundo. Continuavam válidos, portanto, os mesmos conceitos de defesa e segurança implantados durante a guerra.

O papel hegemônico americano foi assumido numa situação de guerra fria, porque segundo os americanos, se a Rússia não entrava em uma guerra aberta, era porque decidira levá-la por outro caminho – a da guerra fria – o que criava um perigo permanente para a segurança americana e talvez até para a sua integridade territorial.

Foi neste contexto, que o presidente H. Truman a 12 de março de 1.947 formulou a sua Doutrina na qual estabelecia que: “A segurança dos EUA. está em jogo em qualquer lugar onde o comunismo ameace impor-se aos po-

\* Pós Graduando em História PUC-SP.

vos livres, seja diretamente através de pressões externas (caso da Turquia), seja indiretamente apoiando as minorias armadas (caso da Grécia)\*.

Dada a sua posição hegemônica e atômica, os EUA universalizaram a doutrina Truman, colocando a Europa Ocidental na órbita de sua segurança nacional e, com a guerra da Coréia, expandia o conceito de segurança nacional face ao mundo asiático.

Com a dobradinha Eisenhower/Foster Dulles, formula-se claramente os desígnios dos EUA., no tocante à guerra fria e à Doutrina Truman de Segurança Nacional. Os Estados Unidos anunciaram seu desejo de se oporem a qualquer avanço do comunismo identificado com a URSS., fosse pela agressão externa ou subversão interna. Qualquer governo desfavorável à política dos EUA., ou neutralista, era considerado favorável à expansão do comunismo e por isso constituía ameaça à segurança nacional americana.

O monopólio atômico dos americanos acabou-se em 1.949, no final do governo Eisenhower, iniciando-se, assim, a corrida armamentista nuclear em busca da superioridade. A partir de Mac Namara (década de 60), o mundo da segurança nacional ingressa no período da dissuasão nuclear, buscando um equilíbrio de poder com a URSS.

Durante o governo J. Kennedy, este estava convencido de que o comunismo se tornara mais violento do que nunca, aproveitando-se da descolonização do Terceiro Mundo para ameaçar a segurança nacional americana.

A Rússia, segundo Kennedy, tomaria o poder no Terceiro Mundo e semearia a subversão para conquistar o mundo livre — sendo Cuba, o exemplo vivo da estratégia russa. Por esta cartilha, todo o movimento revolucionário no Terceiro Mundo teria por trás o dedo de Moscou. A partir deste momento a Doutrina da Segurança Nacional torna-se contra-revolucionária. É esta parte contra-revolucionária da D.S.N., que se destina aos países do Terceiro Mundo, principalmente a América Latina.

Os EUA. ensinavam que era necessária uma divisão do trabalho neste mister, ficando os Estados Unidos com a responsabilidade da dissuasão nuclear e os países satélites — com a ajuda americana — encarregavam-se da subversão dentro de suas fronteiras. Desta forma, a Segurança Nacional contra o comunismo em cada país dizia respeito à segurança coletiva do Terceiro Mundo. O exemplo foi o Vietnã e seus conhecidos resultados. Quando a classe média votante americana viu seus filhos, alimentados a torta de maçã/com flakes e impregnados dos ideais do mundo livre, mortos, mutilados e drogados, a

\* Os estrategistas do Pentágono cometeram um erro gritante no caso da Grécia. Foi o próprio Stalin quem mandou dizimar os militantes comunistas da resistência grega, cumprindo Ialta/Teerã.

doutrina mudou, sendo substituída pela de Nixon-Kissinger, na qual os americanos não mais interviriam com as suas tropas e, sim, passariam a equipar os exércitos dos países satélites para se defenderem da subversão, equipamentos de todos os tipos necessários às guerrilhas e escaramuças internas e dólares para a doutrinação. O Chile de S. Allende é o exemplo desta política.

O que é preciso ficar bem claro, é que os EUA., sob a denominação de segurança nacional, defendem não a sua sobrevivência como nação independente, mas sim a sua hegemonia econômica e seu poder de exploração, consentida ou não, sobre os países do Terceiro Mundo.

O mundo dos negócios tem a convicção de que a livre empresa é inseparável da liberdade no mundo, e defender a livre empresa é lutar contra o comunismo. A paz mundial e a liberdade de comércio e acesso às fontes de matérias-primas são inseparáveis.

Detendo a primazia econômica e os meios de destruição do mundo, qualquer ameaça a esta primazia é encarada como ameaça à segurança dos EUA., e do mundo livre, visto que os americanos têm a missão de defender este mundo livre contra a dominação e a ameaça comunista.

Os líderes da Segurança Nacional Americana são civis recrutados entre os WASP\* das melhores universidades, bancos e grandes indústrias, formando assim um complexo do "inteligentzia militar-industrial-universitária. Os conselheiros de Segurança Nacional, Kissinger, Zigmiev Berzezinsky, Morghentau, etc., eram originários das melhores universidades americanas. Sobre estas, dizia Hermann Keyserling: "As universidades-americanas são as mais bem aparelhadas do mundo; possuem tudo, menos cultura".

## A doutrina da segurança nacional e a geopolítica

A geopolítica pode ser conceituada como ciência dos projetos nacionais baseados na geografia. Tem como objetivo estudar as relações entre a Geografia e os Estados, sua História, seu destino, suas lutas. Procura nos dados geográficos a orientação para uma política.

As origens da geopolítica remontam ao mapa político europeu do século 19 e ao projeto político pangermanista. O geógrafo alemão Ratzel foi quem divulgou a concepção biológica expansionista do Estado, como um organismo vivo que necessita de espaço vital para crescer e é esta a razão de defender e postular a necessidade de a Alemanha possuir colônias.

Já o termo "geopolítica" foi criação do jurista e historiador sueco Rudolf Kjillen, para quem o Estado é realmente um organismo vivo, que se estende

\* Branco, Anglo-Saxão e Protestante.

por em espaço físico (territorial). A geopolítica pangermanista no dizer de Golbery “pode ser considerada, a justo título como uma espécie de síntese entre o organicismo de Herder, o idealismo de Hegel, o estatismo de Fichte e o nacionalismo econômico de Litz”\*.

O que a geopolítica tem de importante para os ideólogos da Segurança Nacional, é que ela fornece os conceitos de bipolaridade e de Nação (a cientificidade destes conceitos são no mínimo duvidosos, mas não é aqui a oportunidade de discuti-los).

## O conceito de Bipolaridade

Foi extraído da teoria do geógrafo inglês Sir Halford John Mackindler, para o qual “o mundo é dividido entre uma ilha mundial, a Eurásia, e um arco insular. Quem domina a ilha mundial domina o mundo... Na ilha mundial há um coração, uma região chave, que é, a justo título, objeto de rivalidade de todos os poderes mundiais. Fica situada entre o Elba e o Vístula. Quem controlar esse coração controlará a ilha mundial e torna-se-á candidato à dominação do mundo”\*\*.

Mackindler pensava na rivalidade entre a Inglaterra e a Alemanha, mas nada impede, aliás, como não impediu, de se retomar a teoria e aplicá-la à URSS e aos EUA, resultando assim para a bipolaridade um significado cósmico.

## O conceito geopolítico de Nação:

Nação é uma única vontade, um único projeto; ela é desejo de ocupação e domínio do espaço. Esse projeto supõe um poderio; ela é desejo de poder. Esse projeto encontra oposição de outros projetos semelhantes e incompatíveis com ele; a Nação será portanto, o poder para impor aos outros seus projetos\*\*\*.

\* COMBLIM, Joseph. Ideologia da Segurança Nacional. s.l., Civilização Brasileira, 1978. p. 26.

\*\* Ibidem, p. 27.

\*\*\* Opus. Cit., p. 28.

Mesmo escoimando-se das imagens organicistas (Estado organismo vital em expansão), a personificação da Nação é fundamental para a Doutrina da Segurança Nacional. A Nação é vista como um todo homogêneo, sem conflitos e dotado de uma única vontade.

## Geopolítica brasileira

A geopolítica brasileira formulada no Brasil na década de 30 por Mário Travassos, Balkheuser e outros, comporta três objetivos:

- 1º – Ocupação de todo o território nacional
- 2º – Expansão na América do Sul em direção ao Pacífico e ao Atlântico
- 3º – Formação de uma grande potência mundial.

Os dois primeiros objetivos fazem parte de tradição brasileira e encontram expressão nas obras de Golbery, o terceiro foi retomado com o enfoque “Brasil, ame-o ou deixe-o” por Meira Mattos, durante a euforia do milagre no período Médici.

Na época em que esta geopolítica brasileira (década de trinta) foi formulada, a bipolaridade dizia respeito à Argentina, outro país que, pelas suas dimensões territoriais, poderia formular, como formulou, uma geopolítica de contenção as veleidades expansionistas brasileiras.

Realmente o que interessa no presente trabalho, não é geopolítica nacional dos países da A. Latina, mas sim a GRANDE TESE GEOPOLÍTICA QUE DIVIDE O MUNDO EM DOIS BLOCOS ANTAGÔNICOS, IRRECONCILIÁVEIS, O COMUNISTA E O ANTI-COMUNISTA.

A América Latina está, por motivos geopolíticos, interligada, integrada no bloco anticomunista, e segundo Golbery e Augusto Pinochet, a América Latina faz parte do Ocidente por uma necessidade cientificamente fundamentada\*. O Brasil é de uma importância capital para a segurança do Ocidente sob dois aspectos, que são (1) a defesa do continente americano o qual, face à ameaça comunista, voltará a ser o bastião do mundo livre, e a cidadela das democracias; e (2) o aspecto da garantia da segurança atlântica, porque é no Brasil que ficam os pilares da ponte estratégica que une a América à massa continental afro-euro-aiática. Sob esses dois aspectos ou ponto de vista, o Brasil está ligado à estratégia de segurança global do ocidente. O destino, impondo-lhe algumas características físicas, atribuiu ao Brasil um papel estratégico preponderante\*\*.

\* Ibidem.

\*\* Opus Cit., p. 30.

## Brasil e a Escola Superior de Guerra

Por trás da fundação da E.S.G., existe toda uma tradição de intervenção do exército na política brasileira. No período do Império estiveram em primeiro plano desde 1822 até 1.889. Foi o exército quem derrubou o imperador e proclamou a república positivista da ordem e do progresso. A queda da 1ª república foi pactuada com o exército em 1.930. Do fim da 1ª república até a deposição do presidente Vargas em 1945 o exército esteve presente e envolvido em 61 agitações, 17 protestos, 16 revoltas, totalizando em um período de 15 anos, 94 movimentos militares, envolvendo, militares gerais, oficiais, praça e civis\*. No período denominado “democrático” que compreende os anos de 1945 até 1964, os generais concorreram a todas as quatro eleições presidenciais e perderam todas, o que comprova que o povo quando pode votar sabe o que definitivamente não serve.

Durante a segunda guerra mundial vários oficiais comandaram contingentes de soldados brasileiros F.E.B., que foram fundar na Itália o cemitério de Pistóia. Estes oficiais retornaram ao Brasil profundamente influenciados pela superioridade tecnológica americana e pela atitude dos EUA, face ao comunismo e à guerra fria.

Fundaram então no Brasil em 1949 a Escola Superior de Guerra imitando o modelo americano do National War College de Washington, com uma assessoria americana que os instruiu durante 12 anos consecutivos.

Além do continuísmo da intervenção do exército na política nacional, os militares da ESG, pretendiam nas palavras de seu fundador Cordeiro de Farias “buscar para o Brasil modelos de governo que pudessem funcionar: ordem, planejamento, racionalização das finanças. Não tínhamos esse modelo no Brasil, e tomamos a decisão de procurar meios para encontrar o caminho a longo prazo. A Escola Superior de Guerra era um meio para essa finalidade, e ela nasceu da experiência da F.E.B.”\*\*

Os alunos da E.S.G., eram civis e militares formados e instruídos para se tornarem uma classe dirigente, imbuídos da doutrina americana de segurança desdobradas em objetivos nacionais, poder nacional, segurança nacional e conceito estratégico nacional que englobavam todos os aspectos da realidade nacional. Um esquema abstrato do que seria um Brasil no futuro, caso chegassem ao poder.

1964 foi a oportunidade que esse grupo encastelado e incrustado na ESG, teve para concretizar suas concepções. Como acontecia nas interven-

\* CARVALHO, José Murilo – “Forças Armadas e Política, 1930-1945. “in” Revolução de Trinta Seminário Internacional, p. 113 – Ed. UnB. 1982.

\*\* COMBLIN, Joseph – Op. cit. p. 155.

ções anteriores do tipo “poder moderador” a UDN por trás do golpe, contava com o retorno dos militares aos quartéis após o saneamento político. Mas para a sua surpresa em especial e da nação em geral, os militares desta vez ficaram no e com o poder, pois o grupo da ESG tinha uma estratégia bem montada e estudada durante os 15 anos anteriores.

Diversamente do Club Militar – ala nacionalista e politizada – do exército, favorável à Petrobrás, etc., e que veiculavam as suas opiniões políticas através do Club – a ESG nada disso fazia, ela conspirava em tempo integral, usando instituições como o IPES e o IBAD, financiados pelos industriais e burguesia vinculada ao capital estrangeiro e interessados no alinhamento automático com a política americana no hemisfério, bem como, e principalmente, no enquadramento ditatorial da massa obreira e conservação dos seus privilégios em expansão. O grupo da ESG teve a habilidade de colocar no poder o Gal. Castello Branco, militar inexpressivo, moderado e considerado entre elementos civis das classes dominantes. Assumindo Castello Branco o poder, o grupo da ESG se desfez do grupo civil que participara do golpe, tais como Carlos Lacerda, Ademar de Barros etc., resultando pois, uma clara hegemonia militar. O passo seguinte seria a homogeneidade militar, e isto foi alcançado no fim do governo Costa e Silva, com o AI-5. No governo Médici, o Serviço Nacional de Informação (SNI) situou-se no coração do sistema de poder, reinou absoluto.\*

Nabucodonosor, Sargão I, Átila, Genghis Khan, Tamerlão e Ramsés II, todos juntos, não detinham tanto poder quanto o AI-5 concedida ao General Presidente, e nem estes antigos governantes menosprezavam tanto o povo.

A Doutrina da Segurança Nacional, de origem americana, foi nacionalizada pela linha troglodita do exército e a oposição consentida, foi vigiada, controlada, tripudiada, sem possibilidades de contestar, criticar, podendo apenas expressar vez em quando, anseios por uma longínqua normalidade ou redemocratização. Nada mais que isso. Funcionava apenas como válvula de escape para o excesso de pressão. Este estado de coisas contou com a acentuada despolitização do povo; com o nacionalismo sentimental e ufanista (Pra Frente Brasil); com o fato de se ter construído uma máquina político-militar (Arena/Forças Armadas) capaz de se reproduzir independentemente de outro grupo ou partido; apoio total das elites econômicas que somavam com a linha troglodita para resolver seus problemas financeiros (incentivos fiscais) e de amordaçamento da mão de obra (arrocho salarial e intervenção nos sindicatos).

\* COMBLIN, Joseph – op. cit. p. 161.

## O estado de segurança nacional brasileiro

Como vimos, o grupo fundador da ESG, “buscava para o Brasil modelos de governo que pudessem funcionar: ordem, planejamento, racionalização das finanças”. Vimos também, que conspiraram durante 15 anos, período no qual formularam um modelo de governo e que foi em 1964 que assaltaram a nação, tomando e mantendo o poder. Quando tal assalto aconteceu, 1964, a estratégia da Segurança Nacional que estava em vigor no período de 1.945 até 1961 e que tinha por meta defender o continente de uma invasão russa pelo Atlântico, já tinha mudado (Cuba, 1959/1960), estando em vigor a doutrina Mac Namara, essencialmente contra-revolucionária. O perigo agora, não era mais a invasão russa pelo Atlântico, mas sim a subversão interna, infiltração e revoluções em países do Terceiro Mundo, todas comandadas, instigadas, orientadas e financiadas por Moscou, com a finalidade de dominar o mundo. A guerra sem quartel contra o comunismo, deveria agora ser promovida no interior das nações do Terceiro Mundo contra o inimigo interno, através de suas forças armadas e de segurança nacional, contando com a ajuda americana que enviava material para lutas anti-guerrilhas e dólares.

Foi dentro deste contexto da doutrina em sua fase contra-revolucionária, que o grupo da ESG, assaltou a Nação e começou a implantar o seu “modelo de governo” que tinha como fundamento teórico a Doutrina da Segurança Nacional e como finalidade “uma renovação da economia segundo as receitas ortodoxas do capitalismo, através da integração no sistema econômico americano”\*.

A Doutrina da Segurança Nacional encontrou em Golbery o servo teórico e prático mais expressivo e melhor inserido entre os assaltantes de 1964. Para ele, a DSN, “assentava-se sobre dois conceitos básicos: geopolítica e bipolaridade” e sendo ele como A. Pinochet um geopolítico, considerava a DSN, como subordinada à geopolítica, sendo dela uma extensão. Mesmo após a implantação da doutrina Mac Namara, esta forma de considerar a DSN, extensão da geopolítica, não sofreu modificação porque o Brasil geopoliticamente estava ligado ao bloco anticomunista, através do conceito de bipolaridade, do qual já falamos.

O fundamento teórico na Doutrina da Segurança Nacional que embasa o modelo de governo procurado pelo grupo da ESG, “Identifica Estado com a Nação. O Estado é a parte ativa, a Nação é o passivo, composto do Poder Nacional, que vem a ser todos os recursos tanto materiais quanto humanos da Nação, já existentes ou em potencial: é a população, recursos, território,

\* COMBLIN, Joseph – Op. cit. p. 158.



poder espiritual, moral. A nação resume-se em uma única vontade, que é forjada, introjetada, de acordo com o passado histórico, de acordo com as tradições, o posicionamento geopolítico, a moral; ocorre que as massas não têm consciência destes elementos, por isso o estado deve forjar uma vontade nacional” \*, como parte ativa, bem como estabelecer os objetivos nacionais. O estabelecimento destes objetivos nacionais é feito, segundo Golbery, por uma elite dirigente – treinada na ESG – melhor equipada para a ação política e para manejar os controles sociais, visando educar o povo para a compreensão e aceitação dos objetivos estabelecidos pela elite.

A Doutrina da Segurança Nacional nos moldes em que foi implantada no Brasil, para justificar sua feição contra-revolucionária no campo intelectual, foi buscar em Thomas Hobbes o seu fundamento.

Recordemos um pouco quem foi Thomas Hobbes. Felipe II, rei da Espanha decidido a liquidar com a Inglaterra envia uma frota de 130 naus, a Inglaterra ao saber da aproximação da Invencível Armada, entra em pânico e o histerismo é geral. O medo apavorou Hobbes de tal forma, que mesmo dentro do útero de sua mãe sentia-se inseguro e dali saiu prematuramente para viver marcado pelo medo e insegurança durante toda a sua longa vida (1588/1679). Expressão dessa insegurança e medo permeiam suas obras, das quais o Leviatã é a mais conhecida. Ora, transporte-se a rivalidade Inglaterra-Espanha daqueles tempos para a da URSS e EUA, de hoje, e transporte-se o medo da Invencível Armada em medo ao comunismo soviético, que descobriremos porque Hobbes é tão apreciado pelos militares da Segurança Nacional.

Golbery, inspira-se largamente em Hobbes e diz em sua obra “Geopolítica do Brasil” – “É que o movimento incessante que domina de modo transparente toda a dialética de Hobbes, assim como o avatar que estimula os novos doutrinários políticos, é esse mesmo grande Medo Cósmico, que assistiu na Terra ao nascimento da Humanidade e de sua verdadeira angústia existencial, o Medo paralisante e tenaz que vem, irresistivelmente, da eterna insegurança do Homem, (...) Hoje em dia a insegurança do homem permanece a mesma, talvez seja maior ainda...”

A solução para este medo paralisante e ânsia pela segurança procurada pelos homens, encontra-se em Hobbes que “é instituir um poder capaz de defendê-los das invasões dos estrangeiros e das injúrias uns dos outros, garantindo-lhes assim uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda sua força e poder a um homem ou a uma assembléia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos,

\* FERRARI, Teresinha – “Histórico da Segurança Nacional” – Brasil – p. 10 – Mimeografado.

a uma só vontade. O que equivale dizer: designar um homem ou uma assembléia de homens como representante de suas pessoas, considerando-se e reconhecendo-se cada um como autor de todos os atos que aquele que representa sua pessoa praticar, em tudo que disser respeito à paz e segurança comuns”\*.

O medo de perder seus bens e suas propriedades sob um regime comunista, a destruição de suas crenças e a desagregação de suas famílias transformadas em escravas de uma ideologia exótica que não admite a existência de Deus, é insuflada e propagada diuturnamente. O comunismo está sempre de tocaia, os seus agentes infiltram-se em todos os lugares, nas escolas, nos lares, nas igrejas, sindicatos, associações, no rádio, televisão, nos jornais, nos livros, nas revistas, bem como nos partidos políticos. O materialismo dialético destrói e dissolve e subverte a civilização ocidental cristã numa guerra total e sem tréguas nem fronteiras. Por isso, é preciso combatê-lo também sem tréguas nem fronteiras, onde quer que ele surja ou possa surgir. Desta forma, justifica-se a censura aos órgãos de comunicação-expressão (jornais, rádios, televisão, cinema, música, pintura, escultura, teatro e até o ballet). O conhecimento é patrulhado, a crítica de conteúdo é taxada de subversiva e a formal é permitida após a pasteurização. A história, filosofia, geografia humana e política, foram banidas das escolas, e após a profilaxia transformadas em OSBP e Moral e Cívica.

Imbuídos na missão de combater o grande mal – o comunismo – e de proporcionar segurança e espantar o medo visceral do homem nasceram os – DOI-CODI, OBAM, CENIMAR, SNI, P-2, C.C.C., F.A.C., TFP, etc.

Era essencial para os propósitos da Doutrina de Segurança Nacional e para a justificativa de sua própria existência de proporcionar segurança, que houvesse insegurança. Se esta insegurança não fosse provida pelos gatos pingados do Partido Comunista, teriam que aparecer de outras fontes (Rio-centro serve). O Brasil passou a viver em estado de guerra permanente, de guerra contra o inimigo interno (quer dizer o próprio povo). O exército transformou-se em força de ocupação dentro de seu próprio país e o povo em inimigo real ou potencial.

O chefe do Estado Maior do Exército Brasileiro, dizia em discurso pronunciado durante uma reunião de chefes de Estado Maior de todo o continente americano o seguinte:

*“Hoje em dia enfrentamos, não só em nosso país mas em quase todas as nações do mundo livre, uma infiltração silenciosa e subterrânea em todos os setores de atividades, a fim de criar contradições, explorar problemas atuais, verdadeiros ou fictícios, lançar irmãos contra irmãos e*

\* HOBBS, Thomas *Leviatã*. s.l., Ed. Abril, 1974. p. 109.

*país contra país, porém mantendo sempre a mesma idéia, que é o desprezo pelos princípios religiosos, familiares, patrióticos nos quais se baseiam nossa civilização cristã. Tentam principalmente conquistar a juventude que, devido ao seu idealismo, seu desapego, sua falta de maturidade, e a simpatia natural que os jovens despertam em todas as camadas do povo, constitui a massa de manobra ideal para seus interesses. Para esta ação junto aos jovens, os agentes comunistas utilizam todos os meios, desde a chantagem e a coação psicológica até o uso de tóxicos e freqüentemente do apelo sexual, pregando o praticando o amor livre. O inimigo é indefinido, serve-se do mimetismo e adapta-se a qualquer ambiente, utilizando todos os meios lícitos ou ilícitos, para atingir seus objetivos. Mascara-se em padre ou professor, aluno ou camponês, de vigilante defensor da democracia ou de intelectual avançado”\**

Em face do que consta em tal discurso, a subversão e a insegurança encontra-se em qualquer lugar ou ocasião, com ou sem PCs. O que George Orwell temia que os comunistas fizessem em 1984 os assaltantes de Estado e fizeram melhor com vinte anos de antecedência (1964) e o fizeram em nome da democracia e da civilização cristã ocidental, segurança e defesa contra o comunismo.

A grande burguesia nacional e externa exulta. Os militares e civis “esguianos” transformaram o P.N.B., em Plano Nacional da Burguesia e a concentração de renda comeu solta. A elite enriqueceu-se absurdamente, fortunas gigantescas se acumularam cevadas na corrupção segura. A classe média que administrava o roubo, encontrava-se feliz com a posse do terceiro carro e em levar os filhos para a Disneyworld, participar dos cursos da ADESG, e em pregar adesivos em seus carros – “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”.

Em contra-partida, o arrocho salarial da classe trabalhadora (operária-povão) prosseguia e o índice que realmente mede o bem estar geral de um povo que é o da mortalidade infantil, tornou-se um dos maiores do mundo, mais de 1.500 crianças por hora, em disse por hora, morriam de fome e doenças. Um procedimento de que os empresários lançavam mão, e que se tornou corriqueiro, foi o de chamar o DOPS à vista de qualquer desentendimento de origem trabalhista no interior das fábricas. Qualquer reivindicação que escapasse ao arrocho concentrador da renda era considerada e punida como subversão, e resolvida nos porões do DOI-CODI ou no quinto andar do DOPS.

Creio não ser necessário aqui, reproduzir os gritos e lamentos oriundos dos porões da segurança nacional, nem as aventuras patrióticas da OBAN e

\* COMBLIN, Joseph. Op. cit. p. 147.

ROTA, ou das insursões do coronel de pijama Erasmo Dias incendiando moças na PUC/SP com sua autoridade de Secretário da Segurança Pública.

Os fundadores e assaltantes do poder encastelados na Escola Superior de Guerra, tinham por finalidade segundo as palavras dos próprios antes do assalto, buscar um modelo de governo, “com ordem, planejamento, racionalização das finanças”.

*Como ordem*: tivemos a militarização da política e a transformação do Brasil em um quartel de 8.511.000 km<sup>2</sup> onde a ordem que imperou foi a ordem unida e as ordens do dia.

*Como planejamento*: colocação do Brasil na órbita definitiva da escola monetarista, atrelado e dependente dos centros financeiros regidos pelos Estados Unidos, cujo resultado foi a dívida externa de 100 bilhões de dólares e o sucateamento das indústrias nacionais.

*Como racionalização das finanças*: neste item tivemos DELFIN – CAPEMI – POLONETAS – ORÇAMENTO DAS ESTATIS – Isenção de imposto de renda sobre especulações financeiras, Taxação de Salários, Incentivos fiscais, etc.

*Realizações do Brasil Potência*: tivemos neste caso, TRANSAMAZÔNICA – PONTE RIO/NITERÓI – ANGRA I – PROJETO/JARI – FERROVIA DO AÇO – ALCOOBRA – etc.

Como exemplo do perfeito amálgama entre patriotismo e realização pessoal, temos o Gal. Idílio Sanderberg, um dos fundadores da Escola Superior de Guerra, que foi diretor presidente da DELFIN até o estouro da dita cuja em 1.983.